

# A dívida mundial da política

BENEDICTO FERRI DE BARROS

De boas intenções o inferno está cheio, não porque elas sejam boas, mas porque não passam de intenções que antecedem ou vêm a reboque de más ações. Ao contrário da presunção geral de que a política anda à frente, previne, contudo, geralmente ela é arrastada, vem na rabeira dos acontecimentos, e só toma posição quando, na iminência do desastre, ou após ele, já não se pode omitir. Os problemas humanos só chegam aos políticos quando os ameaçam em suas posições.



Não há exemplo maior disso do que a questão do endividamento do Terceiro Mundo ao grupo dos grandes que dirigem a política mundial. Desde que, em fins de 1982, com o estouro mexicano, o montante dessa dívida veio a público, tornou-se evidente que essa era uma dívida impagável pelos processos econômico-financeiros correntes e que, por suas implicações, ela era um problema de grande gravidade política, que só pelas vias políticas poderia ser solucionado. Deixamos isto claro nestas colunas, naquela ocasião, e vezes sem conta aqui reiteramos essa colocação, denunciando a inocuidade dos tratamentos aplicados, as maléficas consequências para todos os países envolvidos e o crescente agravamento da situação. Em igual sentido se fizeram ouvir no mundo inteiro vozes independentes, de grande projeção. Debalde. Somente agora, quando as consequências do desastroso tratamento imposto a essa dívida no decorrer destes seis anos vem se traduzindo por uma desestabilização política dos países devedores, já denunciada àquela época, é que os líderes da política mundial correm para a frente do palco para reconhecer o problema e anunciar

suas boas intenções. Tomara que haja tempo, e essas intenções se convertam em boas ações, dotadas da grandeza necessária para evitar o desastre. Paliativos não resolverão.

Há algum tempo o Japão anunciava um verba de 30 bilhões para ajudar a solução do problema. Recentemente a Alemanha perdoou 4 bilhões de marcos de débitos, aliás incobráveis. Gorbachev correu à frente para propor cem anos de prazo de pagamento de um total em que os créditos da URSS são insignificantes. Mitterrand sugere um tratamento humanitário... Bush, finalmente, parece preocupado com a cara política que o problema da dívida vem assumindo. As explosões políticas custam mais caro do que dívidas econômicas.

Neste interim, sangraram as nações devedoras duplamente: de um lado pelo corte dos créditos e investimentos dos grandes junto aos menores; de outro, pelos desesperados esforços destes de fornecer mercadorias e serviços aos grandes, a fim de conseguir recursos para "servir a dívida". Tal processo poupou aos grandes as aterradoras consequências econômico-financeiras que adviriam de uma insolvência mundial e ajudou-os a escapar dos inconvenientes não menos sérios de um recredenciamento da inflação e de uma queda do desenvolvimento em seus países. Inflação e estagnação foram exportadas. Como informa O Estado de São Paulo, em 1988, 86,3% do aumento da base monetária brasileira cabe às operações com o setor externo — moeda emitida internamente para pagar bens remetidos para fora do país: fato duplamente inflacionário. Os menores passaram a supridores de mercadorias e capitais para os grandes. As consequências políticas dessa política econômica começam a atear fogo às barbas dos líderes mundiais.

Talvez nada mostre melhor os resultados previsíveis do tratamento dispensado ao problema do endividamento do Terceiro Mundo do que um pequeno gráfico feito pela Globo e reproduzido pelo folhetim Seleção: Terceiro Mundo, veiculado pela Tribuna Alemã em seu número

de dezembro passado. É o caso em que uma figura vale por mil palavras. Sob o título O fardo da dívida do Terceiro Mundo ali está representado um jovem carregador metido em calções e camiseta, que procura sustentar nas costas, arqueado, a pilha de uma dívida que de 636 bilhões de dólares em 1980, em 1988 alcança 1.229 bilhões e ameaça despencar. Esse, o resultado aritmético do tratamento seguido nesses 8 anos: a dívida duplicou. Para completar o quadro se necessitaria de outro gráfico, evidenciando quantos bilhões de dólares foram nesse período sangrados do Terceiro Mundo para o Primeiro Mundo para "resolver" o problema da dívida.

Subjacente a tudo, há uma questão mais geral e mais grave, que é o da incapacidade das lideranças do mundo de formular uma política nova, adaptada às realidades e exigências planetárias de uma só e cada vez mais interdependente comunidade mundial. Os problemas da atualidade transcendem as fronteiras, como os políticos estão fartos de saber; contudo, ainda não conseguiram se desvencilhar das arcaicas posturas ditadas por interesses exclusivamente nacionais. A persistência americana em manter o dólar como moeda mundial e a disputa que os grandes vêm desde 1970 fazendo para tomarem um dos outros fatias de um mercado saturado e quase apoplético em sua abundância, são outros tantos sinais do provincialismo nacionalista arcaico que continuar a reger a liderança do mundo. O nacionalismo vociferante do Terceiro Mundo não passa de infantil e inócua réplica verbal do estúpido e brutal nacionalismo praticado pelos grandes do mundo.

Quaisquer que sejam suas boas intenções, tanto os políticos de lá, como os de cá, têm de corrigir suas ações. É até possível que a dívida do Terceiro Mundo seja um ponto de partida para o enfrentamento da dívida mundial maior que os políticos do mundo inteiro têm para com todo o mundo.